

## Ocupações do centro de São Paulo<sup>1</sup>

Ademir PLASA<sup>2</sup>

Patrícia PAIXÃO<sup>3</sup>

Faculdade do Povo, São Paulo, SP

### RESUMO

Este paper aborda os bastidores da grande reportagem “Ocupação: meu lar até quando?”, produzida para o jornal impresso Estação Centro (veículo laboratório do curso de Jornalismo da FAPSP). Nesta matéria mostramos o dia a dia e os principais desafios das pessoas que buscam em prédios abandonados do centro de São Paulo uma chance de uma moradia mais “digna” que a vida nas ruas. Para isso, ao longo de quatro meses, visitamos algumas ocupações, entrevistamos seus moradores, convivemos com essas pessoas. Além disso, ouvimos especialistas no assunto e o poder público, representado, no caso, pela Secretaria de Habitação da Prefeitura de São Paulo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ocupações; Moradores; Sem-teto; São Paulo; Grande reportagem.

### 1 INTRODUÇÃO

Em São Paulo, a ocupação de edifícios abandonados é uma dura realidade enfrentada por milhares de pessoas, em sua maioria, imigrantes do norte e nordeste do país, que buscam na capital paulista um refúgio para as mazelas sofridas em suas regiões natais, como a seca e suas consequências. Quando chegam a São Paulo, essas pessoas se deparam com situações como a falta de emprego ou subempregos, e acabam sem condições financeiras para alugar um imóvel. O resultado é que esses sem-teto vão “morar” embaixo de viadutos, marquises e nas ruas, ficando sujeitos a atos de violência, às imprevisibilidades climáticas, contato com drogados, entre outros problemas. Até que, então, essas pessoas vislumbram nos centenas de edifícios não habitados da cidade uma alternativa para uma vida um pouco mais digna, mas não menos sofrida.

As famílias que ocupam estes prédios dizem que pretendem comprar os imóveis com a ajuda do poder público, porém, dependem dos burocráticos sistemas de desapropriação, já que geralmente os proprietários não aceitam os valores propostos pelos órgãos responsáveis. Especialistas apontam que a especulação imobiliária é o maior problema enfrentado. “Os movimentos pró-moradia são legítimos, pois chega a ser injusto edifícios desocupados aguardando a valorização imobiliária, enquanto que milhões de

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo Impresso.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 7º semestre de Jornalismo, email: a.plasafilho@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: paixao.patricia@uol.com.br

“pessoas não têm onde morar.”, argumenta o sociólogo Edson Miagusko<sup>4</sup>, doutor em Sociologia pela USP e autor do livro “Movimentos de Moradia e Sem-teto em São Paulo: Experiências no Contexto de Desmanche”.

A maioria das ocupações acontece na região central da cidade, já que conforme destaca a socióloga Nathália Oliveira<sup>5</sup>, que é doutoranda em Ciência Política pela UNICAMP e possui um trabalho científico sobre o assunto (o artigo: “A luta por moradia dos trabalhadores sem-teto brasileiros. Uma reflexão sobre trabalho e moradia no contexto do capitalismo neoliberal”), essas pessoas não buscam um simples teto e sim o conceito de “moradia digna”, que significa viver próximo a escolas, hospitais, lazer e tudo mais que a região central oferece. “As pessoas reivindicam o direito à cidade, ou seja, de usufruir toda infraestrutura e oferta de serviços existentes”, explica Nathália.

Como aponta José Arbex Júnior<sup>6</sup>, jornalista e escritor alinhado à luta dos movimentos sociais, a urbanização da cidade de São Paulo aconteceu de maneira que favoreceu os interesses do poder financeiro, afastando os menos favorecidos para as regiões mais distantes do centro.

Estando a nossa faculdade – a Faculdade do Povo (FAPSP) – localizada no centro de São Paulo<sup>7</sup> e tendo, a instituição, como parte de seu Plano de Desenvolvimento Institucional, a meta de estimular seus alunos a produzirem trabalhos que busquem atender e retratar as comunidades do entorno da faculdade, fomos desafiados pela professora Patrícia Paixão, na disciplina de Produção Jornalística Impressa – Jornal, a produzir uma grande reportagem sobre o dia a dia e os principais dilemas e desafios das pessoas que moram em alguns dos 30 edifícios ocupados na região central. Essa reportagem foi feita para a editoria Destaque, do jornal impresso Estação Centro – um veículo-laboratório do curso de jornalismo da FAPSP, voltado aos moradores e trabalhadores do centro de São Paulo.

Para isso, realizamos, ao longo de quatro meses (de agosto a novembro de 2013), uma pesquisa sobre essa problemática e visitamos diversas ocupações, conversando com seus moradores, e com os líderes dos movimentos que comandam esses prédios, como o presidente do MSTs (Movimento dos Sem Teto de São Paulo), Robinson Nascimento dos Santos.

Escrevo “realizamos” (no plural), porque, além de mim, produziram essa reportagem meus colegas de classe Alisson Magno, Daiany Araujo, Ester Vitkauskas,

---

<sup>4</sup> Em entrevista concedida a essa reportagem em 18 de outubro de 2013.

<sup>5</sup> Em entrevista concedida a essa reportagem em 15 de outubro de 2013.

<sup>6</sup> Em entrevista concedida a essa reportagem em 23 de outubro de 2013.

<sup>7</sup> À Rua Barão de Itapetininga, nº 163, na República.

Fabiano Almeida, Priscila Mazariolli e Tátyla Almeida. Também contribuiu com a matéria, no que se refere à diagramação, o ex-aluno de Publicidade e Propaganda da FAPSP, e atual aluno do curso de Rádio, TV e Internet da instituição, Washington Côrrea.

O passo a passo desse trabalho jornalístico (a reportagem especial “Ocupação, meu lar até quando?”) você conhecerá a seguir.

## **2 OBJETIVO**

Nosso maior objetivo foi revelar aos leitores um pouco da vida das pessoas que moram nesses edifícios ocupados, mostrando seus principais problemas e desafios, e apontando o porquê deles estarem vivendo nesses prédios. Tudo para chamar a atenção da sociedade e do poder público para a necessidade de uma solução para essa problemática.

O desafio foi nos despiremos dos preconceitos e da visão do senso comum de que boa parte dos que estão nesses prédios são pessoas que querem vida fácil, “pegando o que é dos outros”, que não querem trabalhar, entre outras especulações e estigmas.

Buscamos mostrar a real situação dessas pessoas e as causas do problema, entrevistando, para isso, não só os moradores e líderes dos movimentos sem-teto, mas pesquisadores conceituados, que já analisaram com propriedade o assunto, além da Secretaria de Habitação da Cidade de São Paulo.

## **3 JUSTIFICATIVA**

A história demonstra que o problema da moradia no Brasil e, principalmente, na cidade de São Paulo, não é algo recente. Conforme nos relatou a socióloga Nathália Oliveira, os movimentos pró-moradia em São Paulo foram iniciados em 1913 e 1914, com paralisações que trabalhadores realizaram pleiteando a redução dos aluguéis, na mesma época em que aconteciam manifestações em prol da redução do custo de vida na capital paulista. Daquela época pra cá, várias mudanças aconteceram tanto na legislação como na forma de agir daqueles que reivindicam a casa própria, e o problema persiste, sendo empurrado sem uma solução adequada.

Portanto, voltar a abordar este assunto, com profundidade e responsabilidade, é algo necessário, não só para desconstruir a imagem preconceituosa que muitas pessoas têm dos sem-teto, mas, principalmente, para chamar a atenção do poder público para esta situação. Como afirma Edson Miagusko<sup>8</sup>, não podemos dizer que hoje há uma política de distribuição de imóveis para os sem-teto. “Ao contrário, nos últimos anos se abriu mão de

---

<sup>8</sup> Em entrevista concedida em a essa reportagem em 18 de outubro de 2013.

uma política habitacional mais vigorosa pela constituição de programas pontuais. É o que denomino de gestão da pobreza”, diz o sociólogo. Daí a importância de, com essa reportagem, alertamos os que estão no poder sobre a necessidade de um programa mais efetivo para resolver a questão.

Algumas reportagens sobre as ocupações no centro de São Paulo já foram realizadas, mas poucas com a profundidade que a nossa alcançou, ouvindo não só moradores e líderes dos movimentos sem-teto, mas a Prefeitura e especialistas no tema.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O processo de construção desta matéria foi complexo e, ao mesmo tempo, instigante. Realizamos um trabalho incansável em busca de fontes ligadas ao assunto que nos trouxessem informações concretas e confiáveis.

Uma vez que se tratava de uma grande reportagem para impresso, utilizamos todas as técnicas que aprendemos com a Professora Patrícia Paixão nas disciplinas “Produção Jornalística Impressa – Jornal” e “Técnicas de Pesquisa, Reportagem e Entrevista Jornalística”.

Foi um trabalho de quatro meses de pesquisa e apuração. Começamos buscando os especialistas no assunto, para termos uma boa base para as demais entrevistas. Depois da pesquisa, veio a fase da persistência e da dedicação para conseguirmos o aceite desses especialistas para falarem conosco. Finalmente, conseguimos entrevistar os sociólogos Nathália Oliveira e Edson Miagusko (ambos com trabalhos publicados sobre os sem-teto em São Paulo) e o jornalista José Arbex Jr., que luta em favor dos movimentos sociais. Utilizamos como método entrevistas semiabertas que, conforme explica Duarte (2005, p. 66): “têm origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse da pesquisa”.

Depois disso, partimos para a visita aos prédios. O grande desafio foi conquistar a confiança dos moradores para que pudéssemos entrar nos edifícios, conviver um pouco com eles e realizarmos as entrevistas. Para isso, demonstrar profissionalismo, imparcialidade e respeito para com o próximo foi essencial. De agosto a novembro de 2013, passamos dias e noites nas ocupações, convivendo com os moradores, participando de reuniões e da organização das famílias no prédio. Usamos, portanto, além das entrevistas, a pesquisa de campo em nosso trabalho e a pesquisa-participante que “consiste na interação do pesquisador com a situação investigada” (PERUZZO, 2005, p. 137).

Tivemos a preocupação de escolher os prédios a serem visitados com estratégia. Pegamos uma ocupação conhecida, no número 911 da avenida Prestes Maia, que foi invadida há mais de três anos e, portanto, possui certa infraestrutura, e dois edifícios recém-ocupados na rua Conselheiro Crispiniano. Um deles, o do número 344, havia sido invadido há poucos dias. O objetivo foi conhecer essas duas realidades: a de um prédio ocupado já há algum tempo e a de um edifício recém-ocupado.

Visitando os prédios e conversando com os moradores, registramos algumas críticas à Prefeitura de São Paulo. Por isso, fomos ouvir o “outro lado”. Batalhamos muito, diariamente e incansavelmente, mas, finalmente, conseguimos a entrevista com o Secretário Municipal de Habitação de São Paulo, José Floriano.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio para garantirmos a fidelidade das falas das fontes.

Depois de todas as fontes ouvidas e consultadas e de organizarmos todo material coletado, passamos a pensar na estrutura da reportagem, de forma a deixá-la atrativa e interessante aos leitores. Avaliamos onde seria melhor entrar cada fala dos entrevistados, como dividir o texto em intertítulos, o que destacar no título, subtítulo, nos olhos e que informação poderia ser transformada em boxes complementares ao texto principal. Também escolhemos estrategicamente quais das centenas de fotos que tiramos (tanto dos personagens como do interior e da área externa dos prédios) ficariam mais interessantes na matéria. Durante todo o tempo, tivemos preocupação não só com o conteúdo, mas com a estética (diagramação) dessa reportagem, já que o jornalismo impresso exige cada dia mais essa preocupação simultânea.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

A matéria começa enfocando o auxiliar de cozinha Rodrigo de Souza, 29 anos, que nos recebeu na ocupação do prédio do antigo Cine Marrocos (no número 344 da Rua Conselheiro Crispiniano). O texto convida o leitor a se imaginar entrando naquela ocupação, quase que conseguindo ver em sua mente a cena que presenciamos. Para isso, usamos elementos descritivos.

Mostramos um pouco do dia a dia de Rodrigo, que atua como porteiro nesta ocupação e vive em outro prédio ocupado da Conselheiro Crispiniano (no número 317). Posteriormente, ainda nesta parte inicial da matéria, mostramos o cotidiano de moradores da ocupação da avenida Prestes Maia (citada anteriormente). Abordamos os problemas que essas pessoas enfrentam no dia a dia, seus sentimentos e os preconceitos que sofrem.

Posteriormente, no subtítulo “Uma promessa chamada São Paulo” contamos a história do casal Luiz José da Silva, 47 anos, e Edilene Francisca da Conceição, 39 anos, que moram no prédio ocupado do número 317 da Conselheiro Crispiniano. Detalhamos bem a trajetória do casal, de Pernambuco até a chegada a São Paulo, finalizando com o paradeiro deles naquela ocupação. O objetivo foi mostrar que o casal ilustra a história de milhares de outros moradores das ocupações, mostrando que a vinda para São Paulo e a chegada em uma ocupação não é uma situação de “falta de esforço na vida” como o senso comum costuma pensar.

Em seguida, trazemos na matéria o ponto de vista da organização dos movimentos dos trabalhadores sem-teto do centro, para termos a visão das pessoas que comandam essas ocupações. No caso, destacamos as falas de Robinson Nascimento dos Santos, 30 anos, presidente do Movimento dos Sem Teto de São Paulo (MSTS), responsável por várias ocupações no centro, incluindo as da Conselheiro Crispiniano.

Passamos, então, para uma contextualização histórica dos movimentos em favor da moradia em São Paulo e, logo depois, trazemos o posicionamento do Secretário Municipal de Habitação (José Floriano) a respeito das críticas feitas por alguns dos moradores das ocupações, que alegam que a Prefeitura não dialoga com os ocupantes dos prédios e não toma ações efetivas para solucionar a questão da moradia.

Finalmente, encerramos a grande reportagem com a fala dos especialistas no assunto, analisando o porquê das ocupações ocorrerem com maior frequência no centro e apontando a falta de uma política pública adequada para o problema.

Criamos dois boxes com informações complementares ao texto, para incrementar a diagramação e o conteúdo, um sobre o conceito de “Moradia Digna” e outro sobre o que a Constituição Brasileira e a Declaração Universal dos Direitos Humanos prevêm sobre esse direito.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Quando finalizamos a reportagem, o sentimento que veio à tona foi de dever cumprido. Acreditamos que conseguimos pôr em prática aquilo que pretendíamos: mostrar o “outro lado da moeda”, os rostos dos movimentos pró-moradia, o que pode e deve ser feito pelas pessoas que moram ali, mostrar a todos que ninguém ocupa um prédio porque quer, e sim porque necessita. Tivemos histórias emocionantes e pessoas que deram entrevistas aos prantos, mas fizeram questão de colocar seu problema em pauta justamente em busca de melhores condições de vida, pra si e pra outrem.

Agradecemos a todos que expuseram suas vidas e abriram suas portas para entrarmos, à Faculdade do Povo (FAPSP) pela oportunidade de sentirmos na pele o que é ser um repórter de fato, com um belo projeto como esse, a todos os especialistas entrevistados e às nossas famílias que abdicaram de nossa presença, muitas vezes, durante esses quatro meses de trabalho.

## REFERÊNCIAS

ARBEX, José. **Ocupação, meu lar até quando?** Estação Centro, São Paulo, n.2, p. 16-23, 2013. Entrevista concedida a Ademir Plasa, Alisson Magno, Daiany Araujo, Ester Vitkauskas, Fabiano Almeida, Priscila Mazariolli e Tátyla Almeida.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

MIAGUSKO, Edson. **Movimentos de Moradia e Sem-teto em São Paulo:** Experiências no Contexto de Desmanche. São Paulo, SP: Alameda, 2012.

\_\_\_\_\_, Edson. **Ocupação, meu lar até quando?** Estação Centro, São Paulo, n.2, p. 16-23, 2013. Entrevista concedida a Ademir Plasa, Alisson Magno, Daiany Araujo, Ester Vitkauskas, Fabiano Almeida, Priscila Mazariolli e Tátyla Almeida.

OLIVEIRA, Nathalia. **A luta por moradia dos trabalhadores sem-teto brasileiros.** Uma reflexão sobre trabalho e moradia no contexto do capitalismo neoliberal. Disponível em: <[http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307984192\\_ARQUIVO\\_Conl\\_abfinalnathaliaoliveira.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307984192_ARQUIVO_Conl_abfinalnathaliaoliveira.pdf)>. Acesso em 6 out. 2013.

\_\_\_\_\_, Nathalia. **Ocupação, meu lar até quando?** Estação Centro, São Paulo, n.2, p. 16-23, 2013. Entrevista concedida a Ademir Plasa, Alisson Magno, Daiany Araujo, Ester Vitkauskas, Fabiano Almeida, Priscila Mazariolli e Tátyla Almeida.

PAIXÃO, Patrícia (org). **Mestres da Reportagem:** alunos da FAPSP. Jundiaí, SP:In House, 2012.

PERUZZO, Cicília. M. K. Observação Participante e Pesquisa Ação. In: DUARTE;

PRADO, Magaly; FLORESTA, Cleide; BRASLAUKAS, Ligia. **Técnicas de reportagem e entrevista em Jornalismo.** Roteiro para uma boa apuração. São Paulo: Saraiva, 2009. (Introdução ao Jornalismo; v.3).